

O Estado de S. Paulo

16/5/1984

Uma manhã de terror em Guariba

CARLOS ALBERTO NONINO e GALENO AMORIM

Enviados especiais

Foram cinco horas de medo, pânico, tensão e apreensão ontem de manhã em Guariba cidade de 20 mil habitantes a 50 quilômetros de Ribeirão Preto. Quase cinco mil trabalhadores rurais se reuniram na praça central da cidade, promovendo saques e depredações, em protesto contra o sistema de trabalho no corte da cana e as taxas cobradas pela Sabesp. A manifestação foi dissolvida por tropa de choque da Polícia Militar, disso resultando um morto e 19 feridos.

O levante começou às 5 horas da manhã, quando através da formação de piquetes, vários grupos evitaram o tráfego de caminhões que transportam trabalhadores e cana. Mas a situação se tornou mais grave a partir das 7 horas, na praça da Matriz, onde fica o prédio da Sabesp, que começou a ser depredado, originando o tumulto.

Nunca a cidade, que depende basicamente da produção e industrialização da cana-de-açúcar, viveu um clima assim, disseram os moradores. Enquanto a PM de Guariba, com um contingente de 16 homens — dos quais 12 em serviço ontem — não se arriscava a enfrentar os manifestantes, o comércio fechava as portas, havia preocupação nas escolas, e, nas estradas, a Polícia Rodoviária aconselhava ninguém a entrar na cidade, recomendando aos repórteres que "tenham cuidado e saibam do risco que estão assumindo".

Piquetes

Já de madrugada, alguns grupos tomaram os dois trevos da cidade, impedindo a saída e a entrada de veículos. Com isso, caminhões que transportam trabalhadores e cana não puderam chegar ao local de trabalho. Isso afetou a atividade de cinco usinas de açúcar dos municípios próximos, que este ano vão moer 12 milhões de toneladas de cana.

Os trabalhadores aderiram, segundo os que organizaram o movimento. Na véspera, quatro mil já haviam parado de trabalhar na usina São Martinho, de Pradópolis, a maior do País, e ontem os seis mil que cortam cana para as usinas Bonfim, Santa Adélia, São Carlos e Santa Luiza também concordaram em não trabalhar e grande parte deles se dirigiu ao centro de Guariba.

O maior grupo se concentrou defronte o escritório da Sabesp, onde tiveram início os protestos seguidos de depredações com picaretas e pedaços de pau. Desde máquinas, documentação, até os avisos de cobrança de água que seriam distribuídos para os 4.300 contribuintes da cidade foram destruídos. Dali, foram para a Casa das Bombas, que fica a 500 metros, queimando dois veículos da empresa, uma caminhonete e um caminhão.

"A desordem já estava insuportável e, como eles estavam quebrando tudo, não adiantou mais falar e resolvi sair", contou Joaquim Lúcio da Silva, 54 anos, porteiro da garagem da prefeitura, anexa à Casa das Bombas da Sabesp, que ainda estava com suas portas fechadas. Os mais revoltados usavam podões de cortar cana e picavam em pedacinhos documentos e arquivos da empresa.

Como uma boiada

Já passava das 10 horas e eles voltaram a encontrar-se no escritório da Sabesp, de onde a multidão saiu em passeata e parou diante da casa do presidente do diretório municipal do PMDB, Cláudio Amorim, proprietário do maior supermercado de Guariba. O supermercado foi saqueado.

"A gente até que estava acompanhando tudo de longe, junto com um policial, mas pensamos que o pessoal ia passar reto. Aí, um homem gritou: 'Vamos para o supermercado'. E foram todos parecendo uma boiada", contou a filha do comerciante, Claudinete Amorim, que está grávida e desmaiou durante o tumulto.

Os trabalhadores, a maior parte que compra no supermercado, levaram Cr\$ 50 milhões em dinheiro, cheques e vales e mais Cr\$ 100 milhões em mercadorias, especialmente aparelhos eletrodomésticos, mais dois veículos foram queimados. A essa altura, 12 policiais do destacamento de Guariba tentaram resistir, mas desistiram e o prédio foi tomado pelos manifestantes.

A tropa de choque da Polícia Militar só chegou duas horas depois, por volta das 10h30 da manhã, e só aí a revolta foi dominada. Cerca de 200 policiais das cidades da região usavam cães e bombas de gás lacrimogêneo para dispersar os saqueadores. Mas só às 12 horas é que a situação foi totalmente controlada.

O aposentado Amaral Vaz Meloni, 60 anos, que acompanhava o saque a 100m de distância, morreu com um tiro no rosto. Pelo menos 19 pessoas ficaram feridas, entre elas Izilda Bezerra, baleada no tórax e internada no Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto. O sargento Braz Antônio de Deus também saiu ferido, enquanto o tenente José Guelch de Aguiar, com um tiro no ombro, está internado, em estado grave, em Araraquara.

Polícia, de prontidão

O comando da PM na região de Ribeirão Preto disse que a polícia entrou para dissolver as manifestações. "Se houve represália — observou o Relações Públicas, tenente José Militão —, foi de parte dos manifestantes contra a polícia, que foi chamada para garantir a preservação do patrimônio público e particular de Guariba."

O tenente Militão disse que informará hoje quantas armas foram apreendidas, lembrando que os trabalhadores, além dos podões de cana, se insurgiram com revólveres contra os policiais. Afirmou ainda que, fora os policiais da área de Araraquara, que permanecem em Guariba, há trinta homens de prontidão no quartel de Ribeirão Preto.

À tarde, a situação era de aparente calma em Guariba, ali presente o delegado seccional de polícia de São Carlos, acumulando Araraquara, Davi Paschoal, e o comandante e subcomandante do 13º BPMI, de Araraquara, coronel Vespori e major Fábio. Bóias-frias que conseguiram comparecer ao trabalho começavam a chegar, por volta de 17 horas, e esse fato passou a preocupar os policiais, mas não houve mais nenhum problema.

Os moradores de Guariba ficaram sem água durante todo o dia e a energia elétrica só voltou no meio da tarde. Há suspeita de que a água tenha sido contaminada, pois peritos da delegacia seccional de Araraquara encontraram um pacote de formicida perto de um dos reservatórios subterrâneos da Sabesp. Mas o gerente regional da empresa, em Franca, José Stefano, afasta a possibilidade de envenenamento: "Cortamos toda a distribuição de água até que tudo seja resolvido".

Stefano assegurou que 12 funcionários passariam a noite limpando os reservatórios e a rede de distribuição para evitar quaisquer problemas. Ao mesmo tempo, a Cetesb de Ribeirão Preto enviou engenheiros para fazer análise da água. Os resultados só serão conhecidos na próxima

semana. "Não há urgência, porque essa água não será distribuída à população", afirmou o engenheiro Otávio Okano.

Os moradores serão abastecidos com a água proveniente de um poço artesiano e seis drenos, localizados a quatro quilômetros da Casa das Bombas, depois que toda a rede for higienizada. Hoje cedo, a população não terá abastecimento. Isso preocupa o gerente local da Sabesp, Carlos Alberto Rocha, também vereador pelo PMDB, que teme nova revolta.

As causas

"O povo já não pode comer, porque está tudo caro, e agora tem que evitar também o consumo de água", disse Benedito Magalhães, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Jaboticabal com área de ação em Guariba, para explicar a revolta da população. "O movimento foi espontâneo, mas tem o meu apoio, porque realmente a situação está muito difícil", acrescentou Magalhães.

O trabalhador que faz o corte da cana ganha pouco, comenta o presidente do sindicato, e desde o ano passado é obrigado a um esforço físico muito maior devido à mudança do sistema de trabalho de cinco para sete ruas. "Já numas várias reivindicações para a volta do sistema antigo. Não fomos atendidos, e isso provoca revolta", garantiu Magalhães.

"Isso, acrescentou, se juntou ao protesto contra as taxas cobradas pela Sabesp que reduziu a cota de consumo para cobrança da tarifa mínima e elevou de 50 para 100% o custo pela coleta de esgotos em relação ao consumo de água. Tem havido várias reclamações. Casas humildes pagam em torno de Cr\$ 15 mil cruzeiros por mês a empresa."

À frente desse protesto contra a Sabesp está o prefeito Evandro Vitorino, do PMDB, que não estava na cidade ontem, mas, num dos últimos números do semanário local A Comarca, publicou um manifesto, em que advertia: "Não estou incentivando o povo a tomar uma atitude, que é o que se ouve falar constantemente, mas se alguma for tomada, terá o meu apoio".

Criticando o seu antecessor, Paulo Mangolini, do PDS, por ter aderido à Sabesp, num contrato de 30 anos, e lembrando que "já tentei de várias formas uma solução, sem resultado", Evandro Vitorino frisou que "fico numa posição de não poder fazer nada". Os preços abusivos, enfatizou, ninguém suporta mais e "estou com o povo para o que der e vier".

Diante dessa posição, opositores do prefeito atribuíram a ele a responsabilidade pelo que aconteceu ontem, denunciando ainda o vice-prefeito, João Evangelista — também ausente de Guariba —, que, na noite anterior, segundo alguns populares, teria afirmado, em conversa num bar, "que o povo vai protestar contra a Sabesp".

No auge dos incidentes de ontem, um contato foi feito pela imprensa de Ribeirão Preto com a Sabesp, tentando uma redução nas tarifas e, através disso, conseguir acalmar a situação. Um assessor da diretoria da empresa — dizendo que "estamos sendo vítimas de uma situação" — respondeu que "o protesto em Guariba não se deve à taxa de água, mas aos salários que os trabalhadores ganham no corte da cana".

Funcionário de uma usina de açúcar dizia o contrário: "A revolta é contra a Sabesp". O trabalhador — acrescenta — ganha Cr\$ 1.200,00 por tonelada de cana que corta. A média de produção de seis toneladas por dia permite salário de Cr\$ 216 mil por mês. Quanto ao sistema de sete ruas — continuou o funcionário — foi implantado no ano passado, "beneficiando o trabalhador", e hoje é seguido em quase todo o Estado.

O delegado de Guariba, Luiz Carlos Santelo, refuta qualquer possibilidade de infiltração política no movimento grevista que deu origem às depredações. O subcomandante do 13º BPMI, de

Araraquara, major Fábio, já esperava por manifestações. "Nós já pensávamos em mandar reforço policial à cidade para evitar distúrbios, mas infelizmente eles agiram antes, além do que os saques não estavam previstos", observou.

Já o presidente da Câmara Municipal, José Francisco Caporusso, do PMDB, que ficou irritado com a resposta do secretário de governo, Roberto Gusmão, que pediu "calma e tempo" para encontrar uma saída para o problema, não quis indicar as possíveis culpados pelos distúrbios. "É claro que as tarifas de água são exorbitantes, mas eles misturaram tudo, greve com violência. São grupos de fora que agiram, mas não me pergunte quem são", concluiu.

(Página 38)